

Eixo temático 1: O Estudante e/ou a sua Aprendizagem no contexto das TDIC.

## INOVAÇÃO E TERRITÓRIO: PERSPECTIVAS PARA VIVÊNCIA CRIATIVA DO ESPAÇO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A DISTÂNCIA

*INNOVATION AND TERRITORY: PERSPECTIVES FOR CREATIVE EXPERIENCE OF DIGITAL SPACE IN DISTANCE EDUCATION FOR YOUTH AND ADULTS*

- **Thalita Mendes Crespo** (Sesc – tcrespo@sesc.com.br)
- **Francisco dos Santos Gick** (Senac-RS – fdgick@senacrs.com.br)

### Resumo:

A proposta deste artigo é apresentar e descrever o trabalho que tem sido realizado de Educação a Distância do Departamento Nacional do Sesc, com o Sesc EAD EJA, na condução da apropriação do território e experiência das TDICs como tecnologia praticada, a partir da diversidade de cultura e sujeitos. O artigo aborda o cenário atual da educação a distância, no contexto da educação básica, principalmente para educação de jovens e adultos, mostrando sua movimentação, contextualização e crescimento, apresentando, na sequência, os aspectos centrais da implementação e consolidação do Sesc EAD EJA. Considerando a abrangência nacional do programa, passa-se a uma reflexão, pautada na perspectiva da educação por inteiro, sobre territorialidade, tecnologias da informação e comunicação e letramento digital no contexto da EAD EJA, dialogando com a atuação docente e o dia a dia do estudante, sustentando a necessidade de propor e fomentar práticas promotoras de experiências criativas e inovadoras de prospecção e descoberta no espaço digital, que convidem o estudante, percebido como sujeito de transformação, a uma postura de protagonismo e proposição, tendo em vista a apropriação do território como condição para o desenvolvimento do sujeito em todas suas dimensões.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Educação a Distância; Sesc EAD EJA; Território; Criatividade.

### Abstract:

The purpose of this article is to present and describe the work that has been carried out in Distance Education by the National Department of Sesc, with Sesc EAD EJA, in guiding the appropriation of territory and experience of ICTs as practiced technology, based on the diversity of culture and subjects. The article addresses the current scenario of distance education, focused on basic education, mainly for youth and adult education, showing its movement, contextualization, and growth, presenting, subsequently, central aspects of the implementation and consolidation of Sesc EAD EJA. Considering the national scope of the program, a reflection is made, from the perspective of comprehensive education, on territoriality, information and communication technologies, and digital literacy in the context of Distance Education for Youth and Adults, engaging with teaching practice and the student's daily life, supporting the need to propose and promote practices that foster creative and innovative experiences of exploration and discovery in the digital space, inviting the student, perceived as a subject of transformation, to a stance of protagonism and proposition, aiming at the appropriation of territory as a condition for the development of the subject in all its dimensions.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Distance Education; Sesc EAD EJA; Territory; Creativity.

*Um espaço apropriado parece uma obra de arte (...)*  
Henry Lefebvre (2013, p.213, tradução nossa)

### 1. A Educação de Jovens e Adultos na modalidade de Educação a Distância

Desde fins do século XX, uma multiplicidade de tecnologias computacionais tem emergido, alterando profundamente nossa relação com a natureza e a cultura e estabelecendo tensões em diferentes campos da vida humana. Nesse processo de informatização da vida, mudam as relações de trabalho, a comunicação, a

cultura, a leitura e a escrita, os relacionamentos, mudam também as formas de aprender e de ensinar. Martins e Lima (2023) apontam que as transformações causadas pela efervescência tecnológica têm gerado intensas discussões sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Os recursos tecnológicos são utilizados diariamente em diferentes tarefas cotidianas. Apesar da velocidade das informações e das inovações na tecnologia e a sua atuação como potencializador para melhorar diferentes atividades e processos, as mudanças e adaptações necessárias para que essa realidade esteja a serviço e integrada ao social e culturalmente na educação ainda parece distante e em ritmo não tão acelerado como as mudanças se mostram.

Estudos recentes indicam que as disparidades socioeconômicas afetam diretamente a capacidade dos estudantes de acessar e utilizar efetivamente as ferramentas tecnológicas (OECD, 2021). Essa desigualdade de acesso pode aprofundar as disparidades educacionais já existentes, tornando crucial abordar essas questões para garantir uma educação inclusiva e equitativa para todos os estudantes (UNESCO, 2020). No entanto, apesar dos desafios, as TDICs têm trazido importantes inovações para a educação, especialmente na modalidade de Educação a Distância (EAD) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O surgimento da internet e a disseminação dos dispositivos móveis têm provocado uma ultrapassagem dos limites físicos das salas de aula, ampliando as oportunidades de acesso à educação para um público mais amplo. Como destacado por Pratt e Pallof (2002), as atividades interativas e colaborativas na EAD sinalizam para possíveis alterações significativas nos resultados da aprendizagem. A ênfase em práticas pedagógicas centradas no estudante requer a definição clara de propósitos educacionais e a criação de contextos de aprendizagem significativos e intencionais (BATES, 2019). Em suma, o panorama tecnológico atual apresenta desafios e oportunidades para a educação, especialmente na EJA. É fundamental abordar as desigualdades de acesso e uso das TDICs, ao mesmo tempo em que se reconhecem as oportunidades que essas tecnologias oferecem para a inovação educacional e a expansão do acesso à educação.

Ao analisarmos o contexto educacional brasileiro, a EAD emerge como uma ferramenta com bastante potencial para democratizar o acesso à educação, abordando as dificuldades advindas das diversas disparidades socioeconômicas e da vasta extensão territorial do país. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022), o ano de 2021 testemunhou um aumento significativo nas matrículas em cursos à distância, atingindo mais de 3,7 milhões de estudantes em todo o território nacional. Esse crescimento expressivo, refletindo um aumento de 274,3% na última década, evidencia a crescente aceitação e adoção da EAD como uma modalidade educacional viável e eficaz.

No entanto, o impacto da EAD vai além das estatísticas de matrícula. Ela representa uma mudança paradigmática na abordagem educacional, onde o objetivo não é apenas transmitir conhecimento, mas também fomentar a autonomia do aprendiz, desenvolvendo habilidades autodirigidas e críticas. É crucial, portanto, alinhar a tecnologia com princípios pedagógicos sólidos para garantir que a qualidade da educação não seja comprometida pelo fator territorial de distância física.

Conforme destacado por Moran (2007, p.118), "aprender a ensinar e a aprender, integrando ambientes presenciais e virtuais, é um dos grandes desafios que estamos enfrentando atualmente na educação em todo o mundo". Apesar das facilidades e oportunidades proporcionadas pela EAD, muitos cursos nessa modalidade têm adotado abordagens estáticas e tradicionais que não condizem mais com a realidade contemporânea, tanto em termos sociais quanto tecnológicos.

Nesse sentido, é fundamental ir além da preocupação com os estudantes e considerar o papel crucial dos professores e da equipe multidisciplinar nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. A verdadeira transformação no ensino não reside apenas no uso intensivo do computador e da internet, mas sim na organização de novas experiências educacionais que promovam processos cooperativos de aprendizagem, valorizando o diálogo e a participação de todos os envolvidos no processo (KENSI, 2005, p.3).

A incorporação da tecnologia na EAD apresenta uma oportunidade significativa para a inclusão educacional e social de grupos historicamente minoritários, como é o caso da EJA. Prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 (Brasil, 1996), a EJA destina-se àqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade considerada adequada para cada etapa escolar ou que precisaram interromper os estudos por motivos diversos. Mais recentemente, o Parecer CNE/CEB nº 1/2021 (BRASIL,

2021) alinhou as Diretrizes Operacionais para a EJA à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), regulamentando a oferta da EJA na modalidade EAD Integrada à Qualificação Profissional, conforme a Lei 13.415/2017.

Ao abordar a EJA a partir de uma perspectiva do sujeito integral e da diversidade, é crucial considerar os diversos contextos culturais e etários dos estudantes. Muitos deles enfrentam desafios socioeconômicos e têm experiências de vida que influenciam sua abordagem e interesse pela educação. É fundamental reconhecer e respeitar essa diversidade, integrando-a ao currículo e às práticas pedagógicas, valorizando os saberes trazidos por esses estudantes.

Além disso, a decisão de retornar aos estudos na fase adulta muitas vezes envolve toda uma comunidade, incluindo família, amigos, colegas de trabalho e empregadores, todos comprometidos com o acesso e a permanência na educação. Nesse contexto, as abordagens de Paulo Freire se destacam, enfatizando a conscientização política e o empoderamento dos sujeitos através da educação.

Embora a flexibilização do acesso à educação, especialmente através da modalidade EAD, possa aumentar significativamente o número de matriculados na EJA, é importante reconhecer e enfrentar as dificuldades associadas ao uso dessas tecnologias, como destacado por Charles e Filho (2016). A superação desses desafios requer uma abordagem cuidadosa e centrada no estudante, garantindo que a tecnologia seja utilizada de forma a enriquecer e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, e não simplesmente substituir métodos tradicionais sem considerar as necessidades específicas dos estudantes e professores em diferentes plataformas.

## 2. O Sesc EAD EJA

O Serviço Social do Comércio – Sesc – é uma instituição particular, sem fins lucrativos, criada em 1946 com a missão de “promover ações socioeducativas que contribuam para o bem-estar social e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, de seus familiares e da comunidade, para uma sociedade justa e democrática” (SESC, 2019, p. 13). Presente em todos os estados do Brasil, o Sesc atua nas áreas de: Educação, Saúde, Cultura, Lazer, Assistência e Sustentabilidade. Na área de Educação, o Sesc possui mais de duzentas e vinte escolas que ofertam Educação Básica nas modalidades regular e na EJA para mais de setenta mil estudantes.

Como premissa de seu trabalho, o Sesc atua em todas essas áreas com um objetivo principal, a educação integral dos sujeitos.

Em 2022 o Sesc iniciou seu projeto de oferta de EAD, de forma articulada ao Sesc e Senac RS, no âmbito da Educação Básica, com uma proposta de Ensino Médio integrado à Qualificação Profissional, na modalidade EJA. Uma proposta educativa que nasceu do desejo de atender à demanda da diversidade de jovens e adultos que não tiveram acesso ao Ensino Médio no ensino regular, sendo parte de um conjunto de iniciativas voltadas para Educação Básica e tem sua origem na necessidade de diversificação das ações educativas voltadas ao público de jovens e adultos em todo o território nacional.

Com currículo de 1200 horas o Ensino Médio EJA Integrada à Qualificação Profissional e distribuído em 3 semestres letivos, das quais 720 horas são direcionadas à Formação Geral Básica (FGB) – Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais aplicadas, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, sendo aplicado totalmente a distância, 240 horas de Itinerário Formativo da Qualificação Profissional em Produtor Cultural também no formato a distância e 240 horas destinadas aos encontros presenciais obrigatórios nos polos, onde são desenvolvidos o Projeto Integrador e os percursos do Projeto de Vida, integrados aos eixos estruturantes, Investigação Científica, Processos Criativos, Mediação e Intervenção Sociocultural e Empreendedorismo (mundo do trabalho) que dão base para as construções a partir dos contextos existentes nas áreas.

A proposta do Sesc de educação a distância traz em sua trajetória o trabalho humanizado de qualidade e excelência, respeitando os tempos de aprendizagem e a diversidade que um projeto de âmbito nacional traz em sua bagagem. Sua proposta está estruturada em um atendimento colaborativo dos estudantes e atendimento presencial que proporciona acolhimento e integração das aprendizagens com os

projetos de vida e integrador. Todas essas ações levam em conta a pluralidade de perfis dos estudantes, suas origens, as necessidades e potencialidades específicas de cada sujeito. O Sesc EAD tem em sua premissa o pleno desenvolvimento dos sujeitos e o atendimento às demandas da vida em sociedade. O processo de ensino aprendizagem é entendido e desenvolvido como uma educação ativa, que respeita as histórias de vida e os contextos nos quais esses estudantes estão inseridos, ao contrário da educação massiva e tradicional que desconsidera as particularidades dos sujeitos, suas narrativas, seus repertórios e seus saberes, para o Sesc, todo estudante é único, razão pela qual é visto de maneira particular e integral.

Os objetos de aprendizagem, produzidos em parceria e contando com toda a experiência do Senac RS para essa modalidade a distância, propiciaram a articulação de conteúdos em múltiplos meios e linguagens para o Sesc EAD EJA, trazendo em sua concepção os contextos e realidades que fazem dos sujeitos da EJA, tendo em vista o educar por inteiro, propondo integrar teoria e prática com ação transformadora e problematizadora das questões do mundo e de criação de futuros, nos múltiplos territórios que compõem o SESC EAD EJA. Tem-se assim, uma importante contribuição para um processo de aprendizagem ativo, dialógico, onde educando e educador são sujeitos do processo de trabalho mútuo. Dessa forma, o uso das TDICs adquire, nesta proposta, caráter democrático e flexível, tendo por princípio pedagógico a organização de um currículo permeável à realidade e ao conhecimento que os estudantes já têm, valorizando a trajetória de vida dos jovens e aproximando a prática pedagógica dos desafios cotidianos do mundo do trabalho na perspectiva da educação por inteiro.

## 2.1 Território, tecnologia e criatividade

*Habitar um lugar, é apropriar-se dele? O que é apropriar-se de um lugar? A partir de quando um lugar se torna realmente seu? É quando você põe de molho seus três pares de meias em uma bacia de plástico rosa? É quando você esquenta espaguete sobre um fogareiro de camping? É quando você utiliza todos os cabides diferentes do guarda-roupa? É quando você prende na parede um antigo cartão postal que representa o Sonho de Santa Úrsula, de Carpaccio? É quando você experimenta ali as agonias da espera, ou as exaltações da paixão, ou os tormentos da dor de dente? É quando você pendura cortinas a seu gosto nas janelas, e coloca os papéis de parede, e lixa o parquet?*  
Georges Perec (1999, p.48-49, tradução nossa)

O Sesc EAD EJA, em função de sua abrangência nacional e da mobilização das tecnologias da informação para oportunizar acesso à Educação Básica a estudantes em diferentes localidades do país, desenvolve-se em uma territorialidade híbrida que conjuga múltiplos territórios descontínuos, uma *multiterritorialidade*<sup>1</sup> (por conectividade virtual, característica da Educação a Distância) que conecta lugares diferentes do país e desliza em alta velocidade pelo espaço digital que permite trocas de informações quase imediatas, promovendo uma parcial dissolução de distâncias e tempos que são características da vivência do território.

Ao passo que não deixa de ser um desafio, nessa topografia, evitar apagamentos e silenciamentos, valorizando e preservando a multiplicidade de identidades constitutiva dos territórios (e constituídas por eles), a experiência dessa multiterritorialidade não cessa de produzir encontros de enorme riqueza, intensificados pelo caudaloso manancial da diversidade sociocultural brasileira.

“Não existe o humano fora do território”, constata o geógrafo brasileiro Milton Santos (1995), para quem território não se define apenas por uma determinada área compreendida entre determinadas fronteiras, mas pela terra mais a gente, ou seja, o espaço e seus usos, a natureza e as ações humanas.

<sup>1</sup> A noção de multiterritorialidade é trazida aqui com inspiração no trabalho do geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (HAESBAERT, 2010).



(...) quando quisermos definir qualquer pedaço do território, devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política (...) Nele, devemos considerar os fixos, isto é, o que é imóvel, e os fluxos, isto é, o que é móvel. (...) As configurações territoriais são apenas condições. Sua atualidade, isto é, sua significação real, advém das ações realizadas sobre elas. (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 247-248)

“Não existe o humano fora do território”. Esta é uma constatação que reconhece a historicidade da experiência humana e sua relação indissociável com o espaço e a coletividade, e, ao mesmo tempo, faz ressoar o tema do território no seio da perspectiva de uma educação integral: as possibilidades de desenvolvimento integral do indivíduo estão permeadas pela vivência comunitária, o reconhecimento, o pertencimento, a memória e as perspectivas de futuro, aspectos simbólicos da vivência do território. Nas palavras de Helena Singer (2015, p.11),

A educação integral propõe a relação entre os diversos espaços e agentes de um território para garantir o desenvolvimento dos indivíduos em todas as suas dimensões. Compreende-se que, para tão complexa tarefa, faz-se necessária a integração de todos esses agentes em torno de um projeto comum, um projeto que possa criar territórios educativos.

A cidade, o campo, as fronteiras, lagos, rios, prédios, mas também o sistema viário, os sotaques, os trânsitos, as crenças, as danças, as histórias, as memórias e as invenções que transformam o território.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p.8)

O território é lugar de produção de identidades. Sentimento de pertencimento que se constitui no e pelo habitar, nos e pelos acontecimentos solidários, ações cotidianas estabelecidas entre os sujeitos, em torno de, com e em suas vivências e convivências no lugar, mas que também se organiza como uma série de verticalidades às quais se consente.

Se digo que sou de um lugar, revelo um forte traço identitário, ser de um lugar é diferente de estar em um lugar, por exemplo. Se digo que sou de Porto Alegre, isso implica em uma série de traços culturais, uma sonoridade na fala, um vocabulário, uma gramática, mas também uma posição no mapa, um valor de aluguel a pagar, uma série de linhas de ônibus a tomar, valores a pagar em carros de aplicativo, certos tempos e demoras para chegar. Ou seja, pertencer não diz respeito apenas aos aspectos simbólicos do território, mas também à materialidade, à infraestrutura, à técnica e aos poderes vigentes no território.

Henri Lefebvre, geógrafo francês, aborda a mesma questão a partir de dois termos em conflito apropriação e propriedade<sup>2</sup>, que dizem respeito a diferentes relações com o espaço:

Ora, a apropriação implica tempo (ou tempos), ritmo (ou ritmos), símbolos e uma prática. Quanto mais funcionalizado é um espaço - quanto mais dominado pelos "agentes" que o manipulam, tornando-o monofuncional - menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, tempo diverso e complexo experimentado pelos usuários". (LEFEBVRE, 2013, p.389, tradução nossa)

Já a arquiteta e pesquisadora brasileira Lara Xavier Rolnik, considerando sua complexidade material, simbólica, política, econômica e, principalmente, a relação entre território e educação, amplia a contradição propriedade (domínio) e apropriação, articulando-a a outros termos, para entender território como:

produto da dinâmica social na qual se tensionam sujeitos sociais; apropriação no sentido simbólico, domínio no sentido político-econômico e espaço socialmente partilhado; construção a partir dos percursos diários trabalho-casa, casa-escola e das

<sup>2</sup> Lefebvre não fala, propriamente, em território, mas em espaços praticados, o que se aproxima do conceito de território tal como trabalhado por Milton Santos.

relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo dos dias e da vida das pessoas. (apud SINGER, op. cit., p.11)

Esta breve trajetória de exploração conceitual, que busca reconhecer a amplitude do conceito de território (para além de uma metáfora) como espaço de produção e tensionamento, o que adensa a contribuição do território na perspectiva da educação integral, tem um importante desdobramento quando consideramos a multiterritorialidade da EAD EJA: reconhecer o espaço digital como parte integral do território nos leva a reconhecer no digital a característica de espaço vivido, produtor de subjetividades, espaço de memória e invenção, mas também de tensionamento.

Tem sentido, segundo esta mirada, lembrar do que diz Lefebvre (op. cit.) sobre o tempo complexo e diverso da apropriação do espaço - "tempo (ou tempos), ritmo (ou ritmos), símbolos e uma prática" - para pensar e propor práticas de apropriação do espaço digital pelos estudantes, pautadas pelo uso inovativo e criador de suas ferramentas com vistas a uma vivência intensiva das possibilidades do território da Educação a Distância. Práticas que acolham diferentes ritmos e demoras, que convidem à produção de sentidos individuais e coletivos no espaço digital.

## **2.2 Possibilidades criativas e letramento digital**

A multiterritorialidade e a diversidade que caracterizam o Sesc EAD EJA são riquezas que podem ser fomentadas e intensificadas pelas TDICs, mas essa intensificação passa por um tensionamento da racionalidade pragmática atrelada aos usos "concebidos industrialmente para uma produção mais rotineira e conservadora, que não perfura limites, nem perturba os padrões estabelecidos", como diz o pesquisador brasileiro Arlindo Machado (2004).

Em certo sentido, o processo de letramento digital na EAD EJA requer, ainda que eventualmente, uma atitude de desorganização, que permita explorar possibilidades de invenção de novos usos, de novas ferramentas, de novas gramáticas no espaço digital.

Segundo Aquino (2003, p.1-2), letramento digital pode ser conceituado como

domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver uma multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Onde o sujeito necessita de habilidades para construir sentidos a partir das diferentes formas de apresentação desses conteúdos e os meios de comunicação no qual eles estão instalados. Além disso, não basta ser comunicar por meio das redes é preciso de criticidade para entendimento desse universo de possibilidades, geração de informação e de conhecimento que envolve as tecnologias.

Tomando por referência tal noção ampliada, o currículo do Sesc EAD mobiliza um trabalho de letramento digital que busca contemplar os sujeitos da EJA, sua diversidade e pluralidade cultural e histórias. Mais do que somente garantir o acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), as atividades propostas trazem consigo uma abordagem crítica do lugar desses estudantes e suas relações com as tecnologias da informação e comunicação.

Considerando a perspectiva sobre o território investigada mais cedo nesse texto, que nos conduz a entender o espaço digital como espaço vivido, historicizado, decorre entendermos também as tecnologias que conformam o espaço como elementos vividos, como tecnologia praticada, que só pode existir no contato com o humano no espaço.

Assim, com propostas intencionais construídas a cada semestre e trabalhadas de forma articulada na multiterritorialidade da EAD EJA, buscamos promover o letramento e engajamento de estudantes que, a um só tempo, transformam-se e transformam a realidade ao seu redor, por um caminho que contribua com aprendizagem crítica e colaborativa, buscando fortalecer e direcionar as interações desses sujeitos no es de forma segura e funcional, apropriando-se da perspectiva do pensamento computacional para o desenvolvimento de ações com o uso de tecnologias diversas, não somente como consumidor, mas também como pertencente e proponente no território.

Dessa forma, considerando que toda tecnologia é tecnologia praticada, não há como pensar letramento digital fora de relações em que o sujeito e a coletividade tenham autonomia, criticidade e poder de reformulação e redirecionamento em relação ao uso das TDICs em sua vida.

### **2.3 Relato de experiência**

A proposta EAD EJA do Sesc, como apontado anteriormente, oferece formação de Ensino Médio integrado à Qualificação Profissional em Produção Cultural, com 80% da carga horária a distância e os 20% restantes desenvolvidos nos polos presenciais.

O cotidiano do estudante, dessa forma, é intensamente marcado pela vivência do espaço digital e suas possibilidades, especialmente do AVA, lugar onde o estudante acessa conteúdos, interage com colegas e professores e que serve de ponto de apoio para que o estudante se aventure em suas próprias explorações do espaço digital. Na relação com os estudantes no AVA, a tônica é sempre de incentivo à autonomia e ao protagonismo dos sujeitos.

Mas, ecoando as perguntas que animam a epígrafe desta parte do texto – Habitar um lugar, é apropriar-se dele? O que é apropriar-se de um lugar? A partir de quando um lugar se torna realmente seu? –, podemos nos perguntar: Como e quando os estudantes adquirem autonomia e protagonismo no território da EAD EJA? Certamente não se trata de estar sozinho, a experiência do território é solidária e não solitária. Certamente é uma produção, um processo, que requer "tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática", um processo de apropriação que desvenda o espaço em suas múltiplas possibilidades das mais às menos triviais.

Nessa perspectiva, a atuação das professoras e dos professores, responsáveis por produzir conteúdos e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes no AVA, tem se pautado pela proposição de atividades interativas que convidam o estudante à descoberta de diferentes ferramentas tecnológicas e suas possibilidades criativas.

A seguir, aproximando essa reflexão da prática com os sujeitos da EAD EJA, relatamos brevemente uma proposta realizada pelas professoras e pelos professores da Qualificação Profissional em Produção Cultural na terceira etapa do curso, no contexto do Estágio Simulado em Produção Cultural.

O Estágio Simulado é uma atividade mão na massa, coletiva, desenvolvida integralmente no AVA, que aproxima os estudantes da prática do trabalho em produção cultural, simulando a execução de um projeto cultural. A simulação parte da escolha de 1 entre 5 projetos pré-definidos e é guiada por 4 atividades, contextualizadas no projeto escolhido, e que propõem desafios ligados ao planejamento, acompanhamento e prestação de contas do projeto cultural, demandando o uso de diferentes ferramentas digitais e a operação com diferentes materialidades.

Na terceira das atividades do Estágio Simulado, os estudantes são convocados a propor a divulgação de seu projeto, criando uma peça de divulgação e um texto para publicação na imprensa, a partir de orientações oferecidas no contexto da atividade e, é claro, de sua inventividade. Nas orientações para a realização da atividade, postadas em um fórum de interação no AVA, em novembro de 2023, lê-se:

Na criação da peça de divulgação, a regra é: soltar a imaginação! Levando em conta o projeto, a ação a ser realizada e o público-alvo, o grupo deve criar uma peça de divulgação que pode ser uma imagem estática (como um cartaz ou um card para redes sociais etc.), um vídeo (pode ser no formato do youtube, do tiktok, dos stories do instagram etc.) ou um áudio (pode ser no formato de spot de rádio, áudio para enviar por whatsapp etc.). Vocês podem usar qualquer ferramenta para essa criação, pode ser um formato digital, pode ser feito à mão, o que for melhor para o grupo!

Trata-se de uma atividade proposta e integralmente desenvolvida no AVA, que propõe um exercício criativo em que os estudantes, compreendendo o contexto definido pelo projeto cultural, são convidados a produzir uma diversidade de materialidades digitais, partindo de inspirações variadas reconhecidas pela pesquisa autônoma do grupo.



Figura 1: Card para redes sociais criado por grupo de estudantes da Sesc EAD EJA  
Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem, Sesc EAD EJA

Nossa se te contar parece até mentira, eu simplesmente sou muito ansiosa , (causada pela depressão que eu vivo) mais ao todo desse trabalho eu mantive a calma professor mais não tem coisa melhor de enviar e receber sua resposta aprovando . 😊

Foi ansiedade/medo/alegrias hehe

Aprendi mais mexer com o aplicativo canva e o Excel que eu não tinha nem noção como era, e que planinha difícil professor, mais eu venci, e consegui .

A parte mais difícil de todos foi criar o cartaz, mais no final ficou tudo lindo, e muito bem apresentado, eu mesmo compraria o ingresso do nosso evento! 🏠

Um beijão e abraço meu querido professor e sou grata pela sua vida , por ensinar e nos ajudar em todos os sentidos , aquele seu vídeo nos clareou a mente.

Se sentimos honradas. 🙏

Figura 2: Trecho de relato enviado por estudante da Sesc EAD EJA  
Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem, Sesc EAD EJA

Ao considerar-se uma tal atividade, cabe traçarmos algumas linhas para dar dimensão aos trânsitos que ela suscita pelo espaço digital, aos fluxos de saberes e a uma certa mobilidade gerada. Como já indicado, a atividade é proposta no ambiente virtual de aprendizagem, e a atividade realizada, sua materialidade, é



entregue, novamente, no AVA, mas existe toda uma série de trânsitos intermediários, muitos deles inéditos, imbuídos de um senso de descoberta, conduzidos pelos estudantes envolvidos na proposta.

Pensemos em um grupo de estudantes que opte por utilizar uma ferramenta gratuita de criação digital on-line para produzir um cartaz ou um card para as redes sociais. Esse grupo partirá do AVA, utilizando um navegador de internet, em direção ao site da ferramenta, onde deverá escolher entre diversos modelos fornecidos um que mais se adeque à divulgação do projeto em desenvolvimento. Para além de todo o trabalho criativo envolvido em plasmar a proposta de um projeto cultural em uma peça de divulgação, serão demandados dos estudantes gestos e operações próprios das interfaces dos meios digitais, para que possam gerar um novo objeto desse meio digital, armazenar esse objeto, compartilhar esse objeto com colegas e, finalmente, enviar esse objeto para avaliação.

Nesse experimentar do espaço digital, o AVA, com os conhecimentos, as possibilidades de interação e as atividades propostas, configura-se como uma plataforma de lançamento para jornadas de descobrimento, na medida em que o conjunto de ações docentes convida o estudante a uma atitude prospectiva em relação ao espaço digital e sua opacidade, sempre compondo uma coletividade no seio da qual se compartilha soluções, macetes e gambiarras que conformam os usos de ferramentas digitais e sua absorção no território.

Intensifica-se, assim, um vetor de apropriação do território da EJA EAD a partir da apropriação do espaço digital, da mobilidade, do fluxo de saberes, das descobertas, que abre esse espaço, retomando ainda uma vez Lefebvre (op. cit.), a "tempo (ou tempos), ritmo (ou ritmos), símbolos e uma prática", tempo e tempos de descobertas e trocas, "tempo vivido, tempo diverso e complexo experimentado pelos usuários".

### 3. Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentamos o Sesc EAD EJA e a perspectiva que temos desenvolvido em relação às TDICs articulando a proposta de educação por inteiro que anima as ações educacionais do Sesc em âmbito nacional e o reconhecimento da peculiar territorialidade da EJA EAD.

Imersos nessa perspectiva, propusemos pensar letramento digital a partir do protagonismo do estudante da EJA como sujeito de transformação - transformação de si e do seu entorno - na relação com as TDICs. O que emerge nesse pensamento é um sentido que ultrapassa o aprendizado dos usos regulares das tecnologias e convoca a uma apropriação do espaço digital que só se efetiva a partir de uma atitude criativa e inovadora, de prospecção e descoberta.

Por fim, apresentamos um breve relato sobre uma das atividades propostas para os estudantes da EAD EJA, com objetivo de conferir materialidade a esse sentido de apropriação a que nos referimos logo acima. Esse pequeno relato dá conta de uma atividade iminentemente criativa, integralmente desenvolvida no espaço digital, que assume o AVA como plataforma de lançamento para investigações mais amplas desse espaço. Trata-se de uma atividade desafiadora, que demanda novas operações a cada passo e desenvolve um potente senso de possibilidade e realização.

Se considerarmos o panorama tecnológico e informacional em que estamos imersos, perceberemos que, tanto quanto deslocar-se pela cidade e fazer parte dela, deslocar-se pelo espaço digital e tecer relações de pertencimento nele é parte constituinte de qualquer possibilidade contemporânea de cidadania. De forma tal que, tanto quanto o direito à cultura, à memória, à expressão, também o direito às tecnologias da informação e comunicação precisa ser considerado, entendendo que a construção da garantia desse direito não está limitada ao acesso, mas precisa estar articulada à apropriação, à criatividade e à inovação.

Assumindo que a vivência do território é condição para uma proposta educacional pautada pelo desenvolvimento do sujeito em todas as suas dimensões, faz-se necessário, do ponto de vista da EAD, impulsionar práticas que articulem a vivência da multiterritorialidade característica dessa modalidade de ensino-aprendizagem, fomentando prospecção do espaço digital, promovendo trânsitos capazes de abrir frestas para a apropriação do território, para o compartilhamento de saberes, para o desenvolvimento de tempos e ritmos diversos e complexos.

#### 4. Referências

- AQUINO, Renata. *Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD*. 3 de fevereiro de 2003. Disponível em: <http://portal.webaula.com.br/noticia.aspx?sm=noticias&codnoticia=417>. Acesso em 3 dez. 2008.
- BATES, Tony. *Teaching in a Digital Age*. Tony Bates Associates Ltd. [S.l.]. Disponível: <https://pressbooks.bccampus.ca/teachinginadigitalagev3m/>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- Brasil. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB nº 1/2021*, de 22 de janeiro de 2021. Estabelece as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional Técnica de Nível Médio no âmbito do Sistema Federal de Ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 jan. 2021. Seção 1, p. 46.
- CHAVES, Hamilton Viana; MAIA FILHO, Osterne Nonato. Percepção de tempo e necessidade de atividade na sociedade do excesso: educação no contexto das tecnologias digitais. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 18, n. 1, p.71-82, jan./abr. 2016.
- Ensino a distância cresce 474% em uma década. *INEP*, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-cresce-474-em-uma-decada>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, v.9, n.17, fev. 2010.
- KENSKI, Vani Moreira. *Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem*. Disponível em <https://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita. *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- LEFEBVRE, Henry. *La Production del Espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- MACHADO, A. Arte e mídia: aproximações e distinções. *E-Compós*, v.1, 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/15>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- MARTINS, Vivian; LIMA RODRIGUES, Ana Clara. TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES EM UM CENÁRIO PÓS-PANDÊMICO. *Communitas*, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 69–91, 2023. DOI: 10.29327/268346.7.17-6. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/6324>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- Ministério da Educação (MEC). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao\\_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.
- MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: novos desafios como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2007.
- OECD. *Education at a Glance 2021: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing, 2021.
- PEREC, Georges. *Especies de Espacios*. Barcelona: Montesinos, 1999.
- PRATT, Keith; PALLOF, Rena. *Construindo Comunidades de aprendizagem no Ciberespaço: Estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROLNIK, Iara Xavier. *UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO NA ESTRATÉGIA DO Bairro-Escola*. In: SINGER, Helena (org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo: Moderna, 2015, v.2.
- SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. *GEOgraphia*, v. 1, n. 1, p. 7-13, 9 set. 2009.
- SESC – Serviço Social do Comércio, Departamento Nacional. *Diretrizes para a educação básica do Sesc*. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019.
- \_\_\_\_\_; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. São Paulo, Editora Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. Da paisagem ao espaço - Prof. Milton Santos - FAU-USP 1995. *YouTube*, 23 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juUkCzFT05U>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- SINGER, Helena (org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo: Moderna, 2015, v.2.



SINGER, Helena. *O BAIRRO-ESCOLA: TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA TERRITÓRIOS EDUCATIVOS*. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo: Moderna, 2015, v.2.  
UNESCO. *Education in a Post-COVID World: Nine Ideas for Public Action*. UNESCO, 2021.  
\_\_\_\_\_. *Inclusion in Education: The Role of Information and Communication Technologies (ICTs) in Education for Persons with Disabilities*. UNESCO, 2020.

